

Cuvier, Lamarck, Gaston Paris e o problema da restituição dos textos

Marcello Moreira^{1*} 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Autor de correspondência: moreira.marcello@gmail.com.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir uma asserção presente no livro de Bernard Cerquiglini, *Éloge de la Variante*, concernente à possível influência do naturalista Georges Cuvier sobre o filólogo Gaston Paris. Afirma-se que Georges Cuvier influenciou Gaston Paris ao declarar em seu livro *Recherches sur les ossements fossiles de quadrupèdes* a certeza de se poder reconstituir a ossada de um animal extinto há milhões de anos a partir do achamento de um único osso seu. Essa restituição da ossada a partir de um fragmento que dela faria parte teria analogia com o método filológico parisiense de constituição do texto crítico a partir de um conjunto de testemunhos mais ou menos corroídos pelo tempo e pelo processo transmissional. Cada testemunho, desse modo, seria um análogo do osso de um animal extinto, a partir do qual se poderia remontar ao *Ur-text*.

PALAVRAS-CHAVE:

História da Filologia
Gaston Paris
Georges Cuvier
Jean-Baptiste Lamarck
Crítica de textos

SUBMETIDO: 19 de agosto de 2024 | **ACEITO:** 8 de outubro de 2024 | **PUBLICADO:** 21 de dezembro de 2024

© fólio - Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

A possível influência de Georges Cuvier sobre Gaston Paris

Já se falou da probabilidade de Gaston Paris ter sido influenciado pelos escritos de Georges Cuvier, assim como já se aventou a hipótese de Jean Baptiste Lamarck ter exercido certa ascendência intelectual sobre Joseph Bédier (CERQUIGLINI, 1989, p. 73-101), mas o que de fato o primeiro desses filólogos franceses, que estudou com Friedrich Christian Diez, aprendeu com Cuvier? - aprendizado esse que teria impactado sua forma de pensar a filologia e o trabalho de edição de textos românicos medievais.

O que se escreve em seguida visa a propor de forma a mais verossímil possível o que a filologia parisiense deve ou não aos escritos do naturalista de princípios do século XIX. É preciso começar nossa exposição por um lugar comum da história da filologia, aquele que deve muito aos estudos de Bernard

Cerquiglioni, mas que não se resume a seus escritos e que neles não encontra sua pedra fundamental, ou seja, o que respeita à analogia procedimental entre Gaston Paris e Georges Cuvier.

Bernard Cerquiglioni assevera que os fósseis estudados por Georges Cuvier não correspondiam a nenhum animal vivente dos dias de hoje, e que todos eles, os animais viventes de outrora, teriam encontrado seu fim em uma catástrofe universal. Quanto aos fragmentos fósseis esparsos encontrados pelo naturalista, este pode, por um paciente trabalho de anatomia comparada, reuni-los em um todo restituindo a inteireza do animal de que são parte. Segundo ainda Bernard Cerquiglioni, no que concerne à teoria da catástrofe universal dizimadora de todas as espécies viventes, uma tese vizinha a essa se encontra nos escritos parisienses, pois Gaston Paris teria compreendido a cópia como "catástrofe", que substituiu, destruiu a obra original, de que não temos mais, como diria Georges Cuvier, "a não ser ossos isolados e lançados desordenadamente, quase sempre quebrados e reduzidos a fragmentos"(CERQUIGLIONI, 1989, p. 99)¹.

Dividamos nosso comentário e crítica ao que afirma Bernard Cerquiglioni em uma primeira seção, com o objetivo de avaliar a pertinência da asserção cerquigliana sobre ter havido, de acordo com Georges Cuvier, uma catástrofe universal, para, em seguida, verificar se a analogia entre o procedimento de *restitutio textus*, preconizado por Gaston Paris, e aquela outra *restitutio*, de que fala Georges Cuvier, vem ou não a propósito.

Sabe-se, porque isso é patente nos escritos de Georges Cuvier, que os fósseis de conchas são sempre encontrados como elementos dispostos de forma superposta, em estratos (*couches*), e que esses fósseis não são todos eles de um mesmo tempo, por mais longa que seja a duração considerada: os estratos inferiores, os mais antigos, são os mais extensos e os mais uniformes, mas se lhes superpõem outros, mais curtos e descontínuos. Como explicar essa diferença?

Segundo Georges Cuvier, a mudança na extensão dos estratos de fósseis coquiliários está a indicar que as grandes catástrofes que produziram as revoluções nas bacias oceânicas foram precedidas, acompanhadas e seguidas de mudanças na natureza da água e das matérias que nela encontravam-se

¹ "*des os isolés et jetés pêle-mêle, presque toujours brisés et réduits à des fragments*".

Incluimos nas notas de rodapé o excerto correspondente das fontes citadas que traduzimos no corpo do texto. (CERQUIGLIONI, 1989, p. 99.)

solutas; essas mudanças graduais na natureza do líquido fizeram-se acompanhar por alterações na configuração geológica das bacias oceânicas, divididas por ilhas, por cadeias de montanhas, alterações essas que estimularam conjuntamente modificações diferentes nos organismos que viviam em cada bacia particular, separada das restantes geologicamente e diferenciada do ponto de vista da natureza do líquido que em cada uma havia (CUVIER, 1812, p. 8-9).

Há, como o assevera Bernard Cerquiglioni, grandes catástrofes nos escritos de Georges Cuvier, mas elas são muitas, não se resumindo a uma única, e em cada uma delas muitos seres pereceram, não os mesmos, mas outros; Georges Cuvier ressalta por várias vezes o fato de que quanto mais recente é um estrato, mais os fósseis coquiliários que nele se encontram são parecidos com os animais viventes que ainda se encontram nos oceanos dos dias de hoje, sendo preciso um sólido conhecimento científico para diferenciar os fósseis mais novos de esqueletos de espécies ainda existentes:

Suas espécies, seus gêneros mesmos, mudam de acordo com os estratos; e mesmo que haja reaparição de espécies a pequenas distâncias, é verdadeiro dizer que, em geral, as conchas de estratos antigos têm formas que lhes são próprias e que elas desaparecem gradualmente, para não mais se mostrar em estratos recentes, menos ainda nos mares atuais, onde não se descobre jamais espécies análogas a elas, onde muitos dos seus gêneros não se encontram mais. As conchas de estratos recentes ao contrário assemelham-se, segundo seu gênero, àquelas que vivem nos mares, e que nos últimos e mais móveis desses estratos há espécies que o olho mais treinado não pode distinguir daquelas que nutre o oceano. (CUVIER, 1812, p. 9, tradução nossa.)²

Se houve muitos gêneros e espécies de conchas que se sucederam no espaço e no tempo, houve também, segundo Georges Cuvier, gêneros e espécies de quadrúpedes, que, conquanto extintos, não o foram igualmente ao mesmo tempo e no mesmo lugar por razão de uma catástrofe universal. Se há catástrofes de caráter geológico, se as há de cunho climático, não dizimam absolutamente tudo, embora possam dizimar o bastante a ponto de se poder precisar a homogeneidade dos estratos ou *couches*. Mas, e é isso o que nos

² *“Leurs espèces, leurs genres même, changent avec les couches; et quoiqu'il y ait quelques retours d'espèces à de petites distances, il est vrai de dire, en général, que les coquilles des couches anciennes ont des formes qui leur sont propres; qu'elles disparaissent graduellement, pour ne plus se montrer dans les couches récentes, encore moins dans les mers actuelles, où l'on ne découvre jamais leurs analogues d'espèces, où plusieurs de leurs genres eux-mêmes ne se retrouvent pas; que les coquilles de couches récentes au contraire ressemblent, pour le genre, à celles qui vivent dans les mers, et que dans les dernières et les plus meubles de ces couches, il y a quelques espèces que l'oeil le plus exercé ne pouvoit distinguer de celles que nourrit l'océan.”* (CUVIER, 1812, p. 9.)

interessa agora, qual a relação de pertinência entre a pesquisa estratigráfica das *couches* de Georges Cuvier e o considerar cada cópia, como o faz Bernard Cerquiglini, uma "catástrofe"? – considerando-se o agravante de que este diz ter sido Gaston Paris quem considerou cada cópia "catástrofe".

Não vemos como estabelecer uma analogia a propósito entre catástrofe e sua implicação fóssil – a formação de uma *couche* –, de um lado, e cópia como catástrofe, de outro. Se cada *couche* nos revela gêneros e espécies de conchas que lhe são próprios, originada por uma catástrofe, e se cada cópia é catástrofe, cópia e *couche* deveriam ser análogos, ou, ainda, cópia e o que forma cada *couche*, seus gêneros e espécies de conchas. Mas como tornar esses elementos análogos, se, no caso de Georges Cuvier, há gêneros e espécies de conchas que são considerados como partícipes da riqueza e da variação da natureza, enquanto que em Gaston Paris, segundo Bernard Cerquiglini, cópia é destruição do original, e, portanto, se opõe de forma negativa a um *Ur*, que não encontra análogo na natureza? É verdade que se podem encontrar nas *couches* ossos fósseis de mamíferos, que muita vez surgem dispersos, não dando ideia imediata da completitude do animal de que são parte. Pode-se pensar que um texto encontra-se fragmentado depois de ter sido objeto do ato de copiar, mas nem sempre cópia implica fragmentação ou mutilação, embora possa implicar "remanejamento", categoria que se não pode aproximar de forma pertinente de outras, como "fragmentação" ou "mutilação", porque positiva e historicamente produtiva na poética do Ocidente por vários séculos, pelo menos até o século XVIII, por exemplo, na América portuguesa (MOREIRA, 2011). Uma cópia, como o bem sabia Gaston Paris, implica muita vez remanejamento, o que o filólogo francês não ajuizava de forma positiva, embora conhecesse as práticas de remanejamento que intervieram em estado anterior de um dado texto. Mas se textos podiam ser remanejados, se podiam ser objeto de contínuas intervenções, essas eram ruins mesmo quando implicavam acréscimos e amplificações; eram ruins mesmo quando resultavam em textos completos, mas distintos do que lhes servira de base?

É por essa razão que não podemos concordar com Bernard Cerquiglini quando assevera que para Gaston Paris as cópias seriam como “ossos isolados e lançados desordenadamente, quase sempre quebrados e reduzidos a fragmentos”, tal como já citamos, pois essa equalização não encontra respaldo

nos escritos parisienses. Há textos que se encontram fragmentados; há aqueles de que temos uma única cópia, e há aqueles de que restaram muitas, podendo-se, em caso de uma mesma seção não se encontrar ausente de todas as cópias incompletas restantes, postular hipoteticamente uma totalidade a ser restituída pela colação de manuscritos e pela reunião de fragmentos. É essa possibilidade de *restitutio textus* que torna possível uma analogia entre o domínio textual e o domínio paleontológico ou zoológico? Como Georges Cuvier pensa a *restitutio* de esqueletos fósseis?

Essa é uma questão que deve ser respondida antes de se poder falar a favor ou contra a analogia proposta por Bernard Cerquiglini. Sabe-se que Georges Cuvier propôs a restituição da totalidade de esqueletos fósseis a partir de fragmentos encontrados quando das escavações de estratos de terra; mesmo quando os fragmentos se encontravam, como ele próprio o diz, *épars* (esparcos) ou *mutilés* (mutilados), ainda assim seria possível organizá-los em sua ordem primitiva, ciência essa de que Georges Cuvier afirmava ser fundador:

Antiquário de uma nova espécie, foi-me necessário aprender a decifrar e a restaurar esses monumentos, a reconhecer e a reaproximar em sua ordem primitiva os fragmentos esparcos e mutilados de que eles se compõem; a reconstruir os seres antigos aos quais esses fragmentos pertenciam (CUVIER, 1812, p. 1, tradução nossa.)³

O estudo comparado de ossadas permite ao paleontólogo reconstituir os esqueletos fósseis de espécies e instituir gêneros, que englobam várias espécies já extintas; mas, se, por um lado, ossos fósseis podem ser reintegrados, à medida das próprias descobertas, com certeza crescente, à totalidade do esqueleto de que fazem parte; se a paleontologia comparada, por outro, permite fixar cientificamente as leis que presidem a coexistência das formas das diversas partes dos seres organizados ("*des lois qui président aux coexistences des formes des diverses parties dans les êtres organisés*", CUVIER, 1812, p. 1); isso só pode ser proposto e realizado porque, considerada uma dada espécie, todos os seus ossos deverão sempre ser reunidos em uma determinada ordem, mas não em nenhuma outra (e essa é a diferença entre os esqueletos fósseis e os textos: estes, mesmo que pertençam a gêneros

³ "*Antiquaire d'une espèce nouvelle, il m'a fallu apprendre à déchiffrer et à restaurer ces monuments, à reconnaître et à rapprocher dans leur ordre primitif les fragmens épars et mutilés dont ils se composent; à reconstruire les êtres antiques auxquels ces fragmens appartenoient [...]*." (CUVIER, 1812, p. 1.)

conhecidos, não têm uma completitude sabida pela simples pertença genérica, porque, como espécie, é altamente indeterminado):

Felizmente, a anatomia comparada possuía um princípio que, bem desenvolvido, era capaz de fazer desaparecer todo embaraço: era aquele da correlação das formas nos seres organizados, por meio do qual cada tipo de ser, a rigor, era reconhecido por cada fragmento de cada uma de suas partes. Todo ser organizado forma um conjunto, um sistema único e fechado, cujas partes todas se correspondem mutuamente e concorrem a uma mesma ação definitiva por uma reação recíproca. Algumas dessas partes não podem mudar sem que as outras mudem também e, por consequência, cada uma delas, tomada separadamente, indica e dá todas as outras (CUVIER, 1812, p. 1, tradução nossa.)⁴

Não se pode reconstituir um texto a não ser quando todos os seus fragmentos comparecem em algum testemunho da tradição, e, mesmo que compareçam, não se pode, à luz do que hoje se conhece sobre a poética medieval ou aquela dos séculos XVI e XVII, propor que integravam uma unidade superior, porque esta é muita vez enganosa e deriva de uma prática historiográfica de sobredeterminação dos fragmentos pelo *unum* que nunca existiu.

Do ponto de vista do paleontólogo, basta a metade lateral de um esqueleto fóssil para perfazer a totalidade do animal desaparecido; filologicamente, isso seria absurdo. Todos os ossos pertencentes a uma dada espécie são idênticos entre si, mesmo considerando-se variações infraespecíficas, que não alteram a verdade da proposição. Os textos pertencentes à *Chanson de Roland* (SEGRE, 1971; TAVANI, 1990) diferem mais entre si do que ossos de espécies fósseis pertencentes a um mesmo gênero, o que não é de espantar. É por essa razão que, quando do achado de um simples osso fóssil, caso o fragmento encontrado pertença a um animal já conhecido, cuja ossada tenha sido previamente escavada em algum estrato, é fácilíssima operação identificá-lo, reconhecendo-se espécie, gênero e demais unidades de classificação biológica; por essa razão, pôde Georges Cuvier afirmar que desenvolvera a ciência ou "arte" de "determinar" cada fragmento encontrado:

Eu desenvolverei os princípios sobre os quais repousa a arte de determinar esses ossos, ou, em outros termos, de reconhecer um

4 "*Heureusement l'anatomie comparée possédoit un principe qui, bien développée, étoit capable de faire évanouir tous les embarras: c'étoit celui de la corrélation des formes dans les êtres organisés, au moyen duquel chaque sorte d'être pourroit, à la rigueur, être reconnue par chaque fragment de chacune de ses parties. Tout être organisé forme un ensemble, un système unique et clos, dont toutes les parties se correspondent mutuellement, et concourent à la même action définitive par une réaction réciproque. Aucune de ces parties ne peut changer sans que les autres changent aussi; et par conséquent chacune d'elles, prise séparément, indique et donne toutes les autres.*" (CUVIER, 1812, p. 1.)

gênero, e de distinguir uma espécie por um só fragmento de osso, arte da certeza da qual depende aquela de toda a obra (CUVIER, 1812, p. 4, tradução nossa.)⁵

Se é fácil, por um lado, reconhecer um dado osso fóssil tendo-se já achado um esqueleto completo da espécie a que ele pertence, por outro não é empresa fácil determinar mesmo que por conjectura a totalidade do esqueleto a partir de um seu pequeno fragmento encontrado; Georges Cuvier assevera que cada osso tem uma particularidade que revela a sua pertença a uma espécie e também a gênero, ordem e classe, bastando, como ele próprio o diz, analisar uma pequena apófise para se poder determinar essa pertença: "O menor pedaço de osso, a menor apófise tem um caráter determinado, relativo à classe, à ordem, ao gênero e à espécie aos quais ela pertence" (CUVIER, 1812, p. 65)⁶. Mas se uma pequena apófise permite ao paleontólogo reconhecer o osso como incluso em categorias que vão da espécie à classe, ele pode, por aplicação dos procedimentos da analogia e da comparação efetiva, determinar tudo o que pertença ao animal de que a apófise é parte, como se possuísse de fato o animal inteiro:

ao ponto em que todas as vezes que se possui somente uma extremidade de um osso bem conservado, pode-se, com aplicação, e em se ajudando um pouco da analogia e da comparação efetiva, determinar todas essas coisas assim seguramente como se se possuísse o animal inteiro (CUVIER, 1812, p. 65.)⁷

Pode-se hipotetizar aqui, com um bom grau de verossimilhança, que o procedimento de analogia que permite a Georges Cuvier especificar espécie, gênero, ordem e classe, assim como restituir o animal inteiro a partir de uma simples apófise é análogo daquele outro, filológico, que teve e ainda tem grande fortuna no campo românico, de que falou Gaston Paris e que por ele foi praticado: o da *divinatio*. Mas ainda aqui é preciso fixar as distinções procedimentais, pois elas tornam patente que a filologia românica não opera da mesmíssima forma que a paleontologia, mesmo quando se trata de coisa vulgar como o é a analogia. Sabe-se que a *divinatio* opõe-se à *emendatio ope*

5 "Je développerai les principes sur lesquels repose l'art de déterminer ces os, ou, en d'autres termes, de reconnoître un genre, et de distinguer une espèce par un seul fragment d'os, art de la certitude duquel dépend celle de tout l'ouvrage." (CUVIER, 1812, p. 4.)

6 "La moindre facette d'os, la moindre apophyse a un caractere déterminé, relatif à la classe, à l'ordre, au genre, et à l'espèce auxquels elle appartient." (CUVIER, 1812, p. 65.)

7 "[...] au point que toutes les fois que l'on a seulement une extrémité d'os bien conservée, on peut, avec de l'application, et en s'aidant avec un peu d'adresse de l'analogie et de la comparaison effective, déterminer toutes ces choses aussi sûrement que si l'on possédoit l'animal entier." (CUVIER, 1812, p. 65)

codicum; esta opera a *restitutio* valendo-se de regras probabilísticas, como o do predomínio numérico das variantes, o que leva o filólogo a normalmente descartar lições singulares (*eliminatio lectionum singularium*), pois estas são normalmente desviantes: nesse sentido, não há análogo possível para os lachmannianos entre lições singulares, a serem descartadas quando da colação, e ossos fósseis, pois nenhum osso fóssil pode ser desviante como o pode uma lição; todo osso fóssil participa de uma totalidade conhecida, reconhecida a cada novo achado de fragmento, hipotetizada, mas com base em princípios biológicos fundados no comparativismo: é esse mesmo comparativismo que permite ao paleontólogo, como o assevera Georges Cuvier, projetar a totalidade de que um osso fóssil faz parte, pois a história dos animais, considerando-se suas espécies, gêneros, ordens e classes, permite que se façam dadas conjecturas, mas não outras.

A *divinatio* filológica funda-se em procedimentos que também eles estão baseados no juízo e na discricção do editor, como *usus scribendi* e *lectio difficilior*; frente a lições singulares dentre as quais se tem de fixar aquela que representa o *Ur* da tradição, o máximo que se pode fazer filologicamente é tentar compreender a genética dos "erros", com o fim de revertê-los (HAVET, 1911) - pondo-se de parte por ora essa espinhosa questão dos "erros" no campo românico. Não há, é óbvio, como tornar análogos "erros" textuais e um traço morfológico como a apófise, pois que esta última não depende da capacidade discricionária de ninguém e, portanto, não pertence à mesma ordem de grandeza que aqueles; mesmo que Gaston Paris tivesse se baseado na proposta de *restitutio* paleontológica de Georges Cuvier para pensar a *restitutio textus*, mesmo que houvesse partido da ideia presente em Georges Cuvier de que a menor parte indicia o todo, mais, o desvela, há um hiato entre ambas as proposições de restituição.

Só se pode pensar em uma influência de Georges Cuvier sobre Gaston Paris se se puser de lado o que há de específico no procedimento analítico do naturalista francês; é preciso esquecer o que é catástrofe e não tentar articular uma analogia entre esta e cópia, por exemplo; não se pode também, como já demonstrado, tornar análogos "fragmentos" nos escritos de Georges Cuvier e nos de Gaston Paris, nem tentar aproximar os modos de operar a relação entre parte e todo nesses dois autores. Pode-se, ao contrário, partir de uma proposição geral de Georges Cuvier, que concerne à restauração de

"monumentos" fósseis, à sua composição a partir de fragmentos, para se poder hipotetizar uma certa influência das ciências da natureza sobre a filologia de fins do século XIX. Pode-se, outrossim, postular uma outra aproximação entre, de um lado, a *restitutio philologica*, e, de outro, o que Jacob Burckhardt e historiadores antiquários do século XIX chamavam de "capacidade restauradora":

as suas obras [da arte] estão submetidas ao fado inflexível de tudo que é terrestre e transmissível à posteridade, no entanto, subsiste o bastante delas para libertar os milênios sucessivos, entusiasmando-os e aproximando-os espiritualmente. Neste contexto, presta-nos ajuda, a nós, os pósteros, a vantagem de nossa capacidade restauradora, que, por meio da analogia, adivinha o todo por seus fragmentos isolados. A arte revela-se plenamente já no excerto, no contorno e na mera insinuação, já no fragmento ela se manifesta inequivocamente [...]. (BURCKHARDT, 1961, p. 66-67).

No primeiro volume de *Recherches sur les ossements fossiles de quadrupèdes*, Georges Cuvier chama-se a si mesmo "antiquário", mas antiquário de uma nova espécie; se há algo em comum entre o antiquariato a que se dedica fervorosamente e as modalidades mais antigas dele é o cuidado de restaurar "monumentos", reunindo fragmentos esparsos e muita vez mutilados, como já citamos (CUVIER, 1812, p. 1). É preciso ater-se a essa proposição de caráter geral, pois sua continuidade no mesmo parágrafo da primeira página do *Recherches* já inaugura a particularidade da determinação científica dos ossos fósseis por Georges Cuvier, não aplicável ao campo da crítica de textos, ou seja, especificá-los pelo reconhecimento das "leis que presidem à coexistência das formas das diversas partes nos seres organizados" (CUVIER, 1812, p. 1). O tipo de *restitutio textus* praticada por Gaston Paris e seus seguidores, se deve algo a Georges Cuvier, é somente a crença na possibilidade de se poder reconstituir monumentos do passado a partir de restos, embora a operacionalização do procedimento de restituição tenha sido outra na filologia românica nascente.

O próprio Cuvier, ao princípio de seu livro acima referido, estabelece, para o novo campo de estudos que tinha consciência de fundar, a possibilidade de desenvolvê-lo graças à consecução de um comparativismo entre os animais do presente e aqueles de um passado muito longínquo, que se quer conhecer. Da mesma forma que cada animal do presente é uma espécie, pertencente a um gênero, a uma ordem e a uma classe, assim também devia acontecer com os animais cujos fósseis ele se punha a perscrutar. E da mesma forma que

qualquer osso de um cachorro nos ensina quais são os outros ossos de que todos eles perfazem a totalidade, da mesma forma um osso fóssil era uma pedra participante da catedral óssea do animal cuja inteireza se queria dar a conhecer.

Esse procedimento comparativo seria impensável para a arte filológica, pois um gênero textual presente não ensina nada sobre um gênero textual dessueto, que pode ter sido composto há, por exemplo, três mil anos atrás. E Cuvier assevera que da parte se pode chegar sempre ao todo sem possibilidade de erro:

Felizmente, a anatomia comparada possuía um princípio que, bem desenvolvido, era capaz de fazer desaparecer todo o embaraço: era aquele da correlação das formas dos seres organizados, por meio do qual cada tipo de ser podia, com rigor, ser reconhecido por cada fragmento de cada uma de suas partes (CUVIER, 1812, p. 58, tradução nossa.)⁸

O tratado de Cuvier, no entanto, não nos ensina apenas que de um único osso de um animal se pode remontar ao esqueleto inteiro: nele também há sugestões para o estabelecimento de outras analogias com o campo literário, que, no entanto, não foram apropriadas pelos filólogos do século XIX. Por exemplo, Cuvier, ao discorrer sobre certas espécies de animal, assevera que se poderia pensar que uma dada espécie gradualmente se modificou dando origem a espécies intermediárias, que gradualmente se diferenciam mais e mais da espécie que as originou; o senão que há nessa seção é que ele diz que ele próprio não as encontrou, a esses estados de transição gradual de um espécie a outra. Mas a hipótese de Cuvier e sua posterior denegação poderiam fazer lembrar que o processo de transmissão de um texto poético se dá pela gradual modificação por que ele passa, independentemente dos fatores que ocasionam essa modificação:

Entretanto, pode-se lhes responder, segundo seu próprio sistema, que se as espécies mudaram por graus, deveria ser possível achar alguns traços dessas modificações graduais: porque entre o *palaeotherium* e as espécies de hoje dever-se-ia descobrir quaisquer formas intermediárias e que até o presente essas descobertas não ocorreram (CUVIER, 1812, p. 74, tradução nossa.)⁹

8 "*Heureusement, l'anatomie comparée possédoit un principe qui, bien développé, étoit capable de faire évanouir tout les embarras: c'étoit celui de la corrélation des formes dans les êtres organisés, au moyen duquel chaque sorte d'être pourroit, à la rigueur, être reconnue par chaque fragment de chacune de ses parties.*" (CUVIER, 1812, p. 58.)

9 "*Cependant on peut leur répondre, dans leur propre système, que si les espèces ont changé par degrés, on devroit trouver des traces de ces modifications graduelles: qu'entre le palaeotherium et les espèces d'aujourd'hui l'on devroit découvrir quelques formes intermédiaires, et que jusqu'à présent cela n'est point arrivé.*" (CUVIER, 1812, p. 74.)

A possível influência de Lamarck sobre Gaston Paris

Se Georges Cuvier pôde influenciar Gaston Paris, só pôde fazê-lo da forma como acima asseveramos. Mas quanto a Jean-Baptiste Lamarck? Pôde ele influenciar Joseph Bédier? Na sua obra *Philosophie Zoologique*, de 1809, deparamo-nos com um excerto em que se afirma que “a natureza ela mesma não organizou suas produções segundo os conceitos zoológicos de ‘classe’, ‘ordem’, ‘família’, ‘gênero’ e ‘espécie’ **constantes**, mas que somente produziu indivíduos que se sucederam uns aos outros e que se assemelham àqueles que os produziram. Esses indivíduos pertencem a raças infinitamente diversificadas, que se nuançam sob todas as formas e em todos os graus da organização (...)” (LAMARCK, 1809, p. 22-23, grifo nosso)¹⁰. O pensamento biológico de Jean-Baptiste Lamarck pode ter influenciado o jovem Joseph Bédier porque por intermédio dele aprendemos que indivíduos se assemelham àqueles que os produziram, assim como uma cópia se parece com a cópia de que se originou. Aprendemos, outrossim, que esses indivíduos se nuançam sob todas as formas e em todos os graus de sua organização, o que faz pensar nos manuscritos que conformam as tradições textuais e em sua imensa diversidade e riqueza, a despeito de seu parentesco. Se os indivíduos se nuançam ao tempo em que derivam de um outro que os produziu, o mesmo pode ser dito da cópia e do original que lhe serviu de base: “e então, uma precaução se nos impõe: antes de se servir de um documento, é preciso saber se o texto desse documento é ‘bom’, quer dizer, tanto quanto possível conforme ao manuscrito autógrafo do autor” (CERQUIGLINI, 1989, p. 58)¹¹; essas cópias de um autógrafo serão mais ou menos conformes ao seu original, mas não serão nunca idênticas a ele, de que deriva uma proposição central da filologia de Joseph Bédier: se o manuscrito for mau, é preciso melhorá-lo por meio do juízo crítico, pois agir de outro modo é perigoso; no original: “*et lorsque le texte est 'mauvais', l'améliorer. Agir autrement est dangereux.*” (CERQUIGLINI, 1989, p. 58.) Como o assevera Bernard Cerquiglioni:

10 “Aussi l'on peut, assurer que, parmi ses productions, la nature n'a réellement formé ni classes, ni ordres, ni familles, ni genres, ni espèces constantes, mais seulement des individus qui se succèdent les uns aux autres, et qui ressemblent à ceux qui les ont produits. Or, ces individus appartiennent à des races, infiniment diversifiées, qui se nuancent sous toutes les formes et dans tous les degrés d'organisation, et qui chacune se conservent sans mutation, tant qu'aucune cause de changement n'agit sur elles.” (LAMARCK, 1809, p. 22-23.)

11 “ès lors, une précaution s'impose: avant de se servir d'un document, savoir si le texte de ce document est 'bon', c'est-à-dire aussi conforme que possible au manuscrit autographe de l'auteur”. (CERQUIGLINI, 1989, p. 58.)

Em seu estudo sobre a tradição manuscrita do *Lai de l'Ombre*, Joseph Bédier, em suma, faz entrar o neo-lamarckismo na filologia. Os manuscritos evoluem como as espécies, herdam as modificações adquiridas (as lições comuns), apresentam entre si variações [...]. Se ele se queixa da ausência da espécie primitiva (criada pelo autor, quer dizer, Deus), o filólogo, como o naturalista, não tem por objetivo o reconstruir essa unidade primordial, mas o comparar a diversidade das espécies disponíveis, imperfeitas, certamente, mas vivas. (CERQUIGLINI, 1989, p. 100, tradução nossa.)¹²

Para a historiografia francesa que então se compunha, era determinante da cientificidade da escrita da história garantir que o conteúdo verdadeiro dessa escrita se pautasse em uma verificabilidade que principiasse pela crítica dos documentos, pois uma das estratégias de abonação da verdade desse discurso era o de justamente garantir que o documento, se lídimo, fosse o "real".

Referências

- BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.
- CERQUIGLINI, Barnard. *Éloge de la variante*. Histoire critique de la philologie. Paris: Seuil, 1989.
- CUVIER, Georges. *Recherches sur les ossements fossiles de quadrupèdes*. Paris: Deterville, 1812, tome premier.
- HAVET, Louis. *Manuel de critique verbale appliquée aux textes latins*. Paris: Hachette, 1911.
- SEGRE, Cesare. *La Chanson de Roland. Edizione critica a cura di Cesare Segre*. Milano-Napoli, Riccardo Ricciardi, 1971.
- LAMARCK, Jean-Baptiste-Pierre-Antoine de. *Philosophie Zoologique*. Paris: Dantus, 1809.
- MOREIRA, Marcello. *Critica textualis in caelum rovocata? Uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra*. São Paulo: Edusp, 2011.

¹² "Dans son étude sur la tradition manuscrite du *Lai de l'Ombre*, Joseph Bédier, em somme, fait entrer le néo-lamarckisme dans la philologie. Les manuscrits évoluent comme les espèces, héritent des modifications acquises (les leçons communes), présentent entre eux des variations [...]. S'il a certes le regret de l'espèce primitive (créée par l'auteur, c'est-à-dire Dieu), le philologue, comme le naturaliste, n'a pas pour tâche de reconstruire cette unicité primordiale, mais de comparer la diversité des espèces disponibles, imparfaites, certes, mais vivantes." (CERQUIGLINI, 1989, p. 100.)

TAVANI, Giuseppe. Alguns problema da edição crítica. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 35, p. 35-48, 1990.

ABSTRACT: This study aims to discuss an assertion present in the book *Éloge de la Variante* by Bernard Cerquiglini, concerning the possible influence of the naturalist Georges Cuvier on the philologist Gaston Paris. One states that Georges Cuvier influenced Gaston Paris by declaring in his book *Recherches sur les ossements fossiles de quadrupèdes* the certainty of being able to reconstruct the skeleton of an animal which has been extinct for millions of years from the discovery of a single bone. This restitution of the skeleton from a fragment that would belong to it would be analogous to the Parisian philological method of constituting the critical text from a set of testimonies more or less eroded by time and the transmission process. This way, each testimony would be analogous to the bone of an extinct animal, from which it would be possible to trace back to the *Ur-text*.

KEYWORDS: History of Philology; Gaston Paris; Georges Cuvier; Jean-Baptiste Lamarck; Textual criticism.